

MIGUEL CARDOSO

Era ruda a língua

I

Então cheguei

e eram casas

Então cheguei

e não vi rio, ou margem.

Casas havia

e em voltas casas

que eram a margem

da luz depois do dia.

Que dias havia,

e dias depois. E luz,

embora avara.

Era ruda a língua.

Será sempre ruda

a língua à chegada.

A beleza era,

sôbolo rio que ia,

difícil, dizia Ezra.

Era uma luz, pouca, na outra margem.

Um salvamento no mar bravo.

Uma longa guerra no mato.

II

Que a beleza é difícil,
diziam os cantos de Ezra,
os recantos de Luiza,
os de Assis e de Camões.

Que a língua não rasga
linhas por entre os montes,
não tem carris para as curvas
do caminho longo, não deixa
para trás os tempos passados.

Não abranda as máquinas
nem amansa as guerras,
não endireita presentes
males, estorvos, erros, mal
cose as estações da vida.

Estávamos por sobre o rio,
numa varanda, sem ver
as águas que iam,
pelo que víamos os rios todos.

Havia os nomes de amigos mortos
Como rosário de luz na outra margem.
Contas de vidro arrancadas ao negro.
Havia os nomes de amigos mortos.

III

Então chegámos
e eram casas mais que gente
e as águas eram som.

A luz era o nosso rio
do outro lado e a voz
cega como a varanda.

Então chegámos
e não chegavam a nós
os acordes ainda da manhã.

IV

Estamos quatro e o ar tremia.
A voz deste ar é a voz de rio
e o céu um tear de águas.

Éramos quatro
e éramos sombras.

V

*E eram (repete) casas,
(repete:) morros, cães,*

Lama não vi.

Imagino que descia
sem luz até lá abaixo
onde, nas águas,
que não morrem, morria.

Que a lama é a água
que arranca a terra
à sua casa, e a leva
até ao rio, que é a casa
ruda da água, viva.

E tela de sombras do voo das aves
e hoje chão para o eco dos risos
dela que escrevas agora na folha
para depois escrever em outra folha
para deixar mais tarde numa folha
os carris interrompidos dos versos.

É preciso encher de pólvora
a beleza, puxar-lhe a cavilha.

Não andar de rojo, não procurar abrigo.
Ser interrompido.

VI

Então chegámos.

e sob o céu,
a chuva sobre a vista,
chegámos ao outono de ver.

E veio entretanto a traça
negar a sua velha vocação
de desfazer pano e costura:
teceu sem costuras um vestido
de ar por dentro daquele vestido.

VII

Éramos quatro na varanda,
sob o céu, que era chuva.

Então chegámos.
Como a bala perdida
encontra o coração do osso.

VIII

Escavar até às entranhas do fruto,
arrancar-lhe a cavilha com os dentes
lamber, trincar por dentro a granada.

Havia romãs.

Haveria romãs longe.
Com elas falei como as viúvas
com quem não volta já do mar.

Havia árvores que cresciam nas escarpas
e mesmo sem sol me queimavam a vista.

Vi-as sob o céu
e sob a chuva, hoje
entre grandes rochedos,
ramos sobre o Ocreza, sem terra
para raízes, bebendo só de ver
águas que conhecem de longe.

E nós, que conhecemos
o rio primeiro de ouvir
e não de ver, então chegámos.

A morte sabemos-la só de a ver
(*sôbolos rios que vão, naturalmente*)
e bebemos as suas águas moventes
cá do alto ventoso destes morros.

Ao longe há casas, mas para tão longe
não há voz, nem haverá bicho com asas
que galgue o fosso entre a rocha e o rio.

Por aqui há casas,
tanto céu,
e nasce-se pouco,
e morre-se muito.

Haverá estações,
à falta de descendência,
e o correr dos rios,
ao invés das gerações,

Os dias para caminhar até à beira das romãs.
As noites para as ver arder.

IX

E já depois
da varanda cega
da primeira noite,
vimos que o passado,
agulha nas pontas no escuro,
nos queima a vista.

E vimos arder Vergílio,
guia de Dante e nosso
pelos rios que vão
de Babélia a Sião
da criança ao velho,
de Nambuagongo a Lisboa,
de Lisboa a esta tarde.

E dele ouvimos:
o Napalm ardia nas copas
(outra varanda cega)

e sob a sombra e longe do céu
e do fogo e das auroras
a mata era um neo-realismo
de bichos à espera de incêndios.

E nós aqui, junto à curva do rio,
seguindo a rota interior do despovoamento,
plantando cactos floridos na voz.

Morre-se
como a agulha que faz folha,
leve, dura, de pouca água

morre-se a pique na encosta,
a mal, na curva entre estações,
e sempre sob a chuva.

Morre-se com a memória acesa
a boiar como tábua na água brava

(Neftalí, chamado por Jaime, nosso chamador)

Os figos do inverno visitam-nos.

Vive-se
até não haver romãs,
até não haver redes que nos puxem,
ou vagas para assentar a quilha
ou traça que nos coma,
ou tear de conversas que nos tape
o olho comido pelo escuro extenso.

Dizem que as estações são lentas
granadas de mil explosões turvas,
e que o rio levará todas as vozes.

Dizem que se faz tarde.
Dizem que não se chega.
Dizem que daqui só se parte.

Dizem que por aqui se morre muito.
Também se vive,
deixando dos amigos mortos
os nomes acesos durante a noite.

E as águas correm lá em baixo.
E as águas ouvem-se.

-Poesia, Um Dia (2012-2017), 2014